

“É que eu era segurança, eu era responsável por muita coisa [...] eu tinha que preservar”: objetos, memória e trabalho no Frigorífico Anselmi

Olivia Nery¹ 

Maria Leticia Mazzucchi Ferreira² 

*“I was a security guard, I was responsible for a lot of things [...] I had to preserve them”:
objects, memory and work at Frigorífico Anselmi*

*“Yo era guardia de seguridad, era responsable de muchas cosas [...] tenía que preservar”:
objetos, memoria y trabajo en el Frigorífico Anselmi*

Resumo

Este artigo analisa a relação entre objetos, memória e o mundo do trabalho, tendo como objeto de análise o Frigorífico Anselmi, localizado na cidade do Rio Grande (RS), por meio da narrativa de um antigo funcionário que trabalhava como vigilante e tendo como elementos mnemônicos os objetos guardados por ele como testemunhos da empresa. A metodologia utilizada foi a História Oral, com a realização de três entrevistas livres. Em termos teóricos essa pesquisa se baseia nos conceitos antropológicos de memória e no caráter evocativo, biográfico e de agenciamento dos objetos.

Palavras-chave: *Objetos; Memória; Trabalho; Frigorífico Anselmi; Rio Grande.*

1 Doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisadora de Pós-Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural com bolsa FAPERGS, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: olivianery@gmail.com.

2 Doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora emérita da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: leticiamazzucchi@gmail.com.

Abstract

This article analyzes the relationship between objects, memory and the world of work, taking as its object of analysis the Frigorífico Anselmi, located in the city of Rio Grande (RS), a former employee who worked as a security guard and the objects he stored. The methodology used was Oral History, with three free interviews. In theoretical terms, this research is based on the anthropological concepts of memory and the evocative, biographical and agency nature of objects.

Keywords: *Objects; Memory; Work; Frigorífico Anselmi; Rio Grande.*

Resumen

Este artículo analiza la relación entre objetos, memoria y mundo del trabajo, tomando como objeto de análisis el Frigorífico Anselmi, ubicado en la ciudad de Rio Grande (RS), un ex funcionario que trabajaba como guardia de seguridad y los objetos que almacenaba. La metodología utilizada fue la Historia Oral, con tres entrevistas libres. En términos teóricos, esta investigación se basa en los conceptos antropológicos de memoria y en el carácter evocativo, biográfico y de agencia de los objetos.

Palabras clave: *Objetos; Memoria; Trabajo; Frigorífico Anselmi; Rio Grande.*

Introdução

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

(Guardar, Antônio Cicero)

No dicionário, o termo “guarda” possui duas principais definições: “ação ou efeito de guardar, vigilância, proteção, zelo e cuidado” ou “grupo cuja tarefa é vigiar pela segurança de um lugar ou alguém” (Dicionário Michaelis, 2015). O ato de proteger algo e/ou alguém é historicamente importante e parte da vida humana, quase instintivo, e pode ser intensificado conforme a situação, a necessidade e o contexto. Esse é o caso de Taylor Garcia, antigo guarda, que se tornou também um guardião de memórias e objetos, do Frigorífico Anselmi, que funcionou na cidade do Rio Grande (RS).

Mas, assim como nos sugere Antônio Cicero no poema que abre este artigo, “guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la”, e o senhor Taylor decidiu compartilhar suas memórias, e parte de seus objetos, no intuito de iluminar suas histórias, experiências e reminiscências. Assim, neste artigo buscaremos refletir sobre a relação entre objetos, memória e o mundo do trabalho. Quais memórias são evocadas sobre o mundo do trabalho por meio dos objetos guardados por Taylor? Quais motivações se encerram no ato de guarda e de compartilhamento destes objetos? Essas são as principais questões que norteiam este texto, e, a partir delas, almejamos contribuir com os debates do campo, nomeadamente o ainda escasso estudo sobre os objetos industriais. As análises desenvolvidas estão baseadas nas entrevistas realizadas com o senhor Taylor, em três momentos distintos durante a pesquisa de Pós-Doutora-

do³na Universidade Federal de Pelotas, por meio da metodologia de História Oral, dentro da categoria História Temática em formato livre⁴.

Pensar sobre a tríade objetos-memória-trabalho permite nos aprofundarmos na complexidade que envolve o patrimônio industrial em suas múltiplas dimensões e desdobramentos. Ainda que este texto se detenha, essencialmente, em um único personagem, pontuamos que as experiências e relatos do senhor Taylor contribuem para a compreensão de um universo complexo que diz respeito ao mundo do trabalho informado por meio da memória em cujo processo de recuperação atuam os objetos guardados por ele no curso de sua vida laboral. Tais objetos, recolhidos pelo informante ao longo de sua trajetória como trabalhador do Frigorífico Anselmi, transitam entre a dimensão individual e íntima, e a social e coletiva, indo de potentes elementos evocadores de memória a elementos que formatam a identidade social do sujeito. Objetos biográficos, objetos testemunhos de processos produtivos já obsoletos, objetos destinados ao descarte, são, no processo no qual se construiu as entrevistas, “objetos perdidos da sociedade, seus restos, mas transformados em narrativas” (Debary, 2017, p. 15).

A ideia de “restos” apresenta-se para Debary (2017, p. 19) como “uma objeção ao sentido primeiro das coisas (uma perda) e uma resistência a seu desaparecimento (uma conservação)”, sentido que se pode ver representado na ação de guarda exercida pelo informante em relação aos objetos fabris, destinados, normalmente, ao descarte e à obsolescência.

Tais objetos fizeram parte da rotina de trabalho do Frigorífico Anselmi que, tal como outros empreendimentos industriais surgidos no início do século

3 Pesquisa de Pós-Doutorado da pesquisadora Olivia Silva Nery, realizado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, sob supervisão da Profa. Dra. Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, com financiamento do CNPq (2020-2022). Atualmente, o projeto continua sendo realizado, com adaptações, como um Projeto de Extensão da UFPel, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. O projeto de pesquisa “Memórias do trabalho: história, memória e patrimônio dos frigoríficos Anselmi e Swift na cidade do Rio Grande” está sendo desenvolvido pelas autoras deste texto, com financiamento FAPERGS/CNPq por meio do Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil (Edital 07/2022).

4 A História Oral Temática deu ênfase no seu trabalho no Frigorífico Anselmi. O formato livre foi realizado sem elaboração de roteiro prévio de questões, em diálogos que o entrevistado conduzia livremente sua narrativa.

XX no Brasil, testemunharam o declínio pela obsolescência dos processos técnicos que os caracterizaram e posterior encerramento das atividades produtivas. Prédios industriais acabaram sendo destruídos ou abandonados, maquinário descartado, fotografias e documentos eliminados. Tais espaços industriais foram paulatinamente convertidos em *friches*, grandes áreas urbanas que passaram a ostentar vazios perturbadores. O que, de certa forma, se apresenta como um elemento comum a todos estes processos industriais em degradação é o que se poderia denominar como “restos no interior dos restos” que são os objetos industriais, intimamente associados ao trabalho fabril e que acompanham a perda de sentido dos lugares que os contém.

Entretanto, tais objetos podem ser considerados como detentores de forte poder evocativo, referências e referentes de universos tecnológicos, sociais e econômicos que desapareceram pela perda de capacidade produtiva e operacional. Os objetos, elementos da cultura material, aparecem no registro biográfico do Sr. Taylor como âncoras nas quais se vinculam os processos de construção dos sentidos da vida, organizando a narrativa que possibilita descortinar uma cidade fabril e seu declínio.

Metodologicamente, este artigo fundamentou-se em entrevistas de História Oral com ênfase em história temática. O encontro com o informante deu-se por meio do projeto denominado “Caminho fabril: patrimônio industrial da cidade do Rio Grande”⁵ que tem como objetivo mapear os estabelecimentos industriais e espaços relacionados com a vida operária na cidade do Rio Grande (site do projeto: <https://caminhofabrilrg.wixsite.com/site>). O respectivo projeto tem forte atuação no ambiente virtual na qual as informações sobre cada empreendimento industrial são fornecidas por ex-trabalhadores e população em geral, alimentando, dessa forma, uma cartografia de lugares que no pre-

5 Originalmente o projeto titulava-se “Patrimônio industrial no sul: caminhos entre o passado e o presente fabril na cidade do Rio Grande (RS)” e foi aprovado no Edital 08/2019 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq sob o número de processo 151171/2020-3, realizado entre dezembro de 2020 e abril de 2022. Atualmente o projeto continua sendo realizado, com adaptações, como um Projeto de Extensão da UFPel, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

sente só existem pela memória⁶. O projeto já identificou mais de duzentos espaços relacionados ao passado industrial de Rio Grande e a obtenção de dados sobre tais empreendimentos dá-se tanto pela pesquisa arquivística como por meio da divulgação e interação com a comunidade nas redes sociais, como *Instagram e Facebook*. Sendo um tema que desperta um forte apelo local, dada a sua representatividade, é comum que algumas pessoas busquem o projeto demonstrando interesse em contar suas histórias. Nesses casos, ocorre o contato da gestão do projeto com tais pessoas para consulta sobre a disponibilidade de concederem entrevista de forma presencial ou virtual.

Em relação ao Sr. Taylor, ele demonstrou o interesse em colaborar com o projeto de forma espontânea, contando que havia trabalhado no Frigorífico Anselmi. Observou-se que o mesmo se apresentava, desde o primeiro contato, com uma grande capacidade narrativa e disposição em falar do lugar onde trabalhou parte de sua vida. Dessa forma foram realizados três encontros presenciais, totalizando mais de cinco horas de entrevistas registradas em áudio e fotografia, as quais foram antecedidas por uma apresentação mais detalhada do projeto tais como os objetivos, os procedimentos que envolvem a entrevista, duração estimada das mesmas, publicidade e/ou confidencialidade de alguns dados, utilização posterior dos dados obtidos e um levantamento prévio da relação do entrevistado com o Frigorífico Anselmi. Também, como parte das informações preliminares, foi apresentado o Termo de consentimento de uso das informações que seriam obtidas, termo este que foi posteriormente assinado e arquivado como documentação do projeto. Já no primeiro encontro o informante apresentou-se munido de alguns objetos, ou fazia referência a eles, e no decorrer das entrevistas revelaram-se carregados de sentido memorial, seja no plano da intimidade do sujeito, ou das dinâmicas que envolvem o cotidiano de uma fábrica tanto no que se refere aos aspectos produtivos quanto sociais e mesmo ambientais.

6 O mapa virtual conta com mais de 200 pontos identificados como parte do patrimônio industrial da cidade do Rio Grande, incluindo fábricas, moradias, clubes, sindicatos, espaços de transporte, lazer, entre outros.

Taylor Garcia, nosso interlocutor e guardião de objetos e memórias, nasceu em Rio Grande em 1949 e, desde criança, acompanhou a rotina das fábricas rio-grandinas. Nas entrevistas realizadas, Taylor Garcia falou de seu ingresso no mundo do trabalho fabril aos 12 anos de idade na fábrica têxtil Ítalo-Brasileira⁷, conhecida pela comunidade local como Fábrica Nova. Ao lembrar sobre esse trabalho, diz que “aqueles *fiapinhos* de tecido caíam embaixo das máquinas, então o meu trabalho era limpar que ficava ali”. Como em outros empreendimentos têxteis analisados, a exemplo da Fábrica Rheingantz⁸, a ocupação de menores ocorria em funções consideradas de menor impacto produtivo e riscos, tais como as tarefas de limpezas de resíduos deixados pelas máquinas de fiação e tecelagem, por exemplo. O trabalho infantil, ao qual foi submetido o Sr. Taylor, era admitido dentro de uma lógica familiar pela qual os pais encaminhavam os filhos para um trabalho via de regra mantido na informalidade.

O ingresso do informante no Frigorífico Anselmi deu-se em 1981, tendo lá permanecido até o ano 1998, ocupando a função de vigilância e portaria, funções que, no decorrer das entrevistas, demonstraram-se de grande relevância para o conhecimento do funcionamento da engrenagem fabril e das relações de trabalho e interpessoais desenvolvidas na empresa. Testemunho de um período de auge do frigorífico, de seu declínio e posterior encerramento das atividades, Sr. Taylor vai tecendo sua trajetória dentro da empresa por meio de objetos que guardou, alguns como elementos de sua própria biografia, outros como remanescentes de setores técnicos do trabalho em um frigorífico.

Os encontros com o informante possibilitaram observar como a memória, matriz do trabalho de evocação, manifesta-se em três dimensões: a memória

7 Fábrica têxtil que iniciou suas atividades em 1894 na cidade do Rio Grande, fundada pelo imigrante italiano Giovanni Hesemberger. Funcionou até a década de 1970 e trabalhava, sobretudo, com o algodão.

8 Fábrica Rheingantz ou União Fabril e Inca Têxtil, como passou a ser conhecida a partir dos finais dos anos 1960, foi uma das maiores fábricas de tecidos e confecções em Iã do sul do Brasil. Inaugurada em 1873 por Carlos Guilherme Rheingantz, imigrante alemão, foi responsável pela geração de emprego, urbanização de parte da cidade, ampliação de redes viárias, implantação de práticas sociais etc. A empresa, de administração familiar, fechou as portas pela primeira vez em 1967 com a decretação de estado de falência financeira.

hábito ou protomemória, que, conforme Candau (2011), são memórias de baixo nível internalizadas no corpo, tais como os movimentos repetitivos que caracterizam as memórias do trabalho num processo de produção que envolve ações de força e resistência física; a memória sensorial resultante sobretudo da ativação dos sentidos olfativo, em razão dos fortes odores emitidos em um local de manipulação de elementos orgânicos e respectivos resíduos; sonoro, pelos barulhos que caracterizavam a atividade fabril e visual, pois os objetos são fortes evocadores de recordação. Como uma segunda dimensão apresenta-se a memória propriamente dita, constituída de sentidos e interpretações impostas no tempo mesmo da evocação (Ricoeur, 2000) e a dimensão metamemorial que remete à noção de compartilhamento memorial (memória coletiva), noção complexa quando, conforme aponta Candau (2011; 2020), interrogamos a própria pertinência ontológica do compartilhamento de algo que só pode ser efetivamente atestado no nível individual, mas que opera reforçando nos indivíduos o sentimento de uma memória comum, ou seja, de uma intersubjetividade da memória (Candau, 2020).

O contexto no qual o ex-operário Taylor Garcia surge é de uma cidade fabril já vivenciando uma de suas crises econômicas da qual derivaram falências de alguns setores produtivos, em particular o setor alimentício do qual o Frigorífico Anselmi foi um dos grandes representantes.

O Frigorífico Anselmi: espaço de trabalho de Taylor Garcia

A cidade de Rio Grande localiza-se ao sul do estado do Rio Grande do Sul e traz como um dos elementos formativos de sua história ter se tornado um polo industrial a partir dos finais do século XIX. Centenas de estabelecimentos fabris se instalaram em solo rio-grandino, o que conferiu a ela a alcunha de “cidade das chaminés” (Torres, 2008). A implantação da estrutura portuária conectando a via lacustre (Lagoa dos Patos) com o Oceano Atlântico, em associação com o surgimento da malha ferroviária, foram fatores propulsores

da industrialização em Rio Grande, o que veio a transformar profundamente o espaço urbano (Martins, 2016) e toda dinâmica social, política, econômica e cultural da cidade. O perfil econômico e produtivo das fábricas até os anos 1960 em Rio Grande era o de substituição de importação e produção de bens de consumo não duráveis (Martins, 2016). Neste cenário, o setor alimentício foi de grande relevância para a região, sendo que, entre 1890 e 1909, 487 empresas foram fundadas no estado. Dentre essas, cerca de 28% do setor alimentício e um número significativo delas em Rio Grande (Araújo, 2002, p. 8), sendo o Frigorífico Anselmi parte deste cenário, tendo iniciado suas atividades no final dos anos 1930 e início de 1940.

O Frigorífico Anselmi tem sua origem vinculada a outro estabelecimento do mesmo empreendedor, a Cervejaria Schmitt & Anselmi. Segundo Amaral (2014, p. 81), a Cervejaria Schmitt & Anselmi foi o ponto de partida de uma cadeia de empreendimentos como fábrica de gelo, matadouro e, posteriormente, o frigorífico⁹. Raphael Anselmi, um dos fundadores, era um imigrante italiano que, além destes empreendimentos, também possuía uma casa de comércio e importação, responsável por comercializar em Rio Grande produtos italianos no gênero de secos e molhados. Raphael e seus filhos ficaram responsáveis pela maior parte da duração do Frigorífico.

O Frigorífico Anselmi ocupou o prédio construído na atual Avenida Portugal nº 126, onde inicialmente funcionou a Cervejaria Schmitt & Anselmi, e ali permaneceu até o final dos anos 1990, quando de seu fechamento. Situava-se na principal avenida do Bairro Cidade Nova¹⁰, assim como outras indústrias do período, sendo um dos responsáveis pela “áurea operária que circundava a Cidade Nova” (Pedroso, 2011, p. 8).

9 Thiago Amaral (2014, p. 81), salienta que a sociedade Anselmi & Schmitt foi firmada entre “Raphael Anselmi, sua mulher Joanna Schmitt Anselmi, brasileira, seus três filhos Attilio Schmitt Anselmi, Humberto Otto Schmitt Anselmi, Orlando Schmitt Anselmi e Gustavo Hugo Albrecht”.

10 O Bairro Cidade Nova é assim identificado por ter sido a primeira região planejada durante a expansão urbana da cidade do Rio Grande. Segundo o pesquisador Ticiano Pedroso (2012), ele constituiu-se em um bairro operário, devido à grande presença de trabalhadores e trabalhadoras e de estabelecimentos industriais.

Figura 1 – Frigorífico Anselmi (s/d). Fotografia feita por Cauby.



Fonte: Acervo pessoal de Taylor Garcia.

No frigorífico, além dos setores de conservas, matadouro (ovino e bovino) e processamento da carne seja em embutidos, salgada ou fresca, funcionava um local de venda ao público de alguns produtos como os patês marca Anselmi, que também eram distribuídos em caminhões da empresa, conforme é possível verificar na Figura 1. Segundo Martins (2016), entre 1951 e 1960, o Frigorífico Anselmi empregou cerca de mil operários. Com as transformações e crise dos anos 1970 e, seguindo a trajetória de outros estabelecimentos rio-grandinos, o frigorífico deixa de ser uma empresa familiar, sendo vendido para outro grupo industrial, o Lange S/A, da cidade vizinha de Pelotas. Segundo Ana Silveira (2008, p. 58), o Grupo Industrial Arthur Lange¹¹ era “o maior industrializador de peles ovinas da América Latina e o segundo em importância no Brasil no ramo de couro”. Conforme relato do Sr. Taylor, foi na administração do Grupo Lange que se iniciou o processo de encerramento

11 Segundo Alexandre Maciel, Arthur Lange faz parte das famílias tradicionais da região de São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul, e foi responsável por uma série de empreendimentos fabris e comerciais. Em 1935, criou uma fábrica de tamancos, e em 1949, constituiu a empresa Arthur Lange e Filhos. Entretanto, “em 1985, o Grupo Extremo Sul adquiriu o controle acionário da empresa Arthur Lange S.A. especializada em couros de alta qualidade para estofamento de móveis e automóveis” (Maciel, 2009, p. 45).

das atividades do Frigorífico Anselmi, processo que se constituiu pela redução drástica do número de operários, pelo descarte dos produtos de grande perecibilidade estocados, transferência dos objetos e maquinários para outras unidades da empresa e posterior demolição do prédio fabril.

O Frigorífico Anselmi, tal como se pode observar por meio das postagens na rede social *Facebook* do projeto “Caminho Fabril”, constituiu-se como uma das referências da memória pelos sabores dos produtos evocados, mas igualmente pelos odores associados aos processos de processamento e produção da carne. Evocações como “o melhor chouriço que já comi”, “eu adorava o patê e outras coisas que eles faziam e vendiam lá!!! Saudades daquele tempo”, ou “o cheiro do sebo da carne invadia tudo, grudava nas cortinas, grudava no corpo da gente” surgiram como reminiscências sensoriais associadas à fábrica.

Em operação na cidade, além do Frigorífico Anselmi, havia outro estabelecimento fabril do mesmo setor, o Frigorífico Swift de origem norte-americana e que operou na cidade entre os anos 1917-1960, chegando a empregar cerca de 2000 funcionários (Martins, 2016). Em janeiro de 1960, o Frigorífico Swift anunciou o encerramento de suas atividades, dando início a uma fase – décadas de 1960 e 1970 – que ficaria registrada na histórica econômica da cidade como o período mais crítico da desindustrialização. Foi durante esta fase que aumentou o índice de empregabilidade do Frigorífico Anselmi pela retração dos postos de trabalho no frigorífico Swift e em outros setores da indústria alimentícia, como o de conservas. Este aumento do contingente de empregados é atestado pelo Sr. Taylor como uma “multidão de branco” em referência ao uniforme branco de trabalho usado nos setores de processamento e produção.

A desindustrialização ocasionou um impacto profundo no cenário rio-grandino nos anos posteriores e perceptíveis até os dias atuais. Somado à perda do trabalho e da vida que se conhecia até então, as referências materiais e imateriais também se perderam, emergindo um sentimento de

luto e desesperança (Ferreira, 2009; Speranza, 2023) presente na memória e construído narrativamente como um tempo de penúria e crise, antagonizando com o do passado, representado como de prosperidade e vida.

Os objetos como mediadores entre tempos

As entrevistas realizadas com o Sr. Taylor foram sempre precedidas por anúncios de objetos guardados por ele e que seriam oportunamente mostrados (ou mesmo cedidos) às entrevistadoras, o que fez com que identificássemos nisso uma estratégia sutil de valorização de sua função como narrador, utilizando-se de tais elementos da cultura material como uma base autobiográfica (Hoskins, 1998), ancorada em um repertório memorial que se mostrou recorrente em outras pesquisas relacionadas aos espaços de trabalho.

A função de vigilante da fábrica é traduzida pelo Sr. Taylor como a de observador, extensão dos “olhos do patrão” como observadores diretos da organização, eficiência e segurança do trabalho no espaço fabril. Conforme aponta o informante, ao vigilante cabe realizar rondas nos ambientes da fábrica, supervisionar a conduta dos trabalhadores, coibir atitudes de sabotagens e furtos, bem como de conflitos e vias de fato entre os operários. Comparado ao número dos demais trabalhadores, os vigilantes eram um grupo pequeno e de confiança do setor administrativo da empresa. Dependendo do período e do ritmo do trabalho, menos ou mais intenso, os vigilantes podiam revezar os postos entre si e desempenhar atividades distintas tal como ser responsável pelo fechamento do estabelecimento ao final dos turnos de trabalho. Esta função é traduzida pelo informante como um constrangimento, uma vez que deveria zelar para que todos saíssem no horário, sem possibilidade de aumento das horas trabalhadas e posteriormente cobradas. Diz o informante que,

[Diretor Davi falava] [...] “tu fica de segurança no dia, controlando todo mundo, porque tem gente aqui dentro fazendo hora extra e eu não quero mais hora extra. Che-

gou o horário de cinco e meia tu podes fechar a repartição e mandar todo mundo embora, bater o cartão.” *Bah*, eu ficava chateado, *né*. Porque eu chegava no escritório, aquele monte de gente... e já tinha serviço atrasado, um monte de nota, tudo com máquina de escrever, *né*. Aí eu... aí eu chegava, eu tinha ordens da direção, chegava no escritório e dizia: “Pessoal! Cinco e meia, *vamo* fechar tudo e *vamo simhora* que já tá na hora”. E eu tinha de ficar em cima.

Esse relato faz parte dos últimos anos de atividade do Frigorífico, quando, a essa altura, a maioria dos colegas de Sr. Taylor já havia sido dispensada. A expressão do descontentamento em ser o responsável por evitar que estes trabalhadores ganhassem uma remuneração extra pode ser vista como o ponto complexo de conflito entre interesses distintos: o administrativo-gerencial e o dos trabalhadores.

Igualmente cabia aos vigilantes o controle comportamental dos funcionários principalmente no que se refere ao consumo e apropriação de produtos e insumos da fábrica, bem como o de bebidas alcoólicas, consumo este severamente proibido em razão dos efeitos deletérios que poderia suscitar, sobretudo naqueles que operavam maquinário e equipamentos de grande periculosidade. Entretanto, na dinâmica social que se estabelecia no interior do universo de trabalhadores, a tolerância, e mesmo o encobrimento de algumas atitudes, fazia parte de estratégias de convivência e coesão de grupo. Tal como afirma Sr. Taylor: “*ah*, os funcionários iam almoçar, principalmente os do peixe *né*. Quando voltavam, já voltavam com a cara cheia. E o diretor dizia pra nós (*sic*): ‘Olha, funcionário bêbado não deixa entrar’. Mas a gente fazia que não via”. Tal posição disposta entre as ordens da administração e o que se poderia traduzir como “espírito de corpo” ficava por vezes tensionada pela ênfase conferida pelos superiores na posição hierárquica exercida pelo vigilante, acima dos demais trabalhadores da empresa, evocada pelo informante ao dizer que o chefe superior com frequência dizia que “depois da direção

aqui quem manda é a segurança...”e eu dizia *tá* (sic) bom, chegava com toda autoridade *né*...

Nesse sentido, o posto de vigilante pode ser compreendido à luz do extenso debate envolvendo a chamada “aristocracia operária” proposta por historiadores como Eric Hobsbawm (2015). Tal aristocracia seria formada por uma parcela menor de trabalhadores que recebiam, em sua maioria, salários mais altos, maior autonomia e poder de comando e buscavam “manter as camadas inferiores do proletariado em seu devido lugar” (Hobsbawm, 2015, p. 367).

O processo de desestabilização financeira do Frigorífico Anselmi levou a uma desorganização no setor produtivo e consequente declínio da empresa, o que se fez acompanhar inicialmente por tentativas de saneamento como eliminação de alguns itens de produção e redução do corpo funcional. À medida, no entanto, que a crise avançava, acelerava-se o processo de degradação e desocupação dos espaços da grande planta industrial que foi o Frigorífico Anselmi, e será nesse contexto que Sr. Taylor, tendo permanecido como um dos últimos funcionários da empresa ainda em serviço, iniciou a operação de resgate e guarda de objetos que, desprovidos de suas funções originais, foram investidos de grande valor memorial.

“Ai ficou eu ali, *né*...e foi ai que eu comecei a salvar algumas coisas”, afirma o Sr. Taylor, como um prólogo ao que passou a ser o centro de sua narrativa por meio dos objetos, uma narrativa cujo tempo era o da desativação do prédio fabril com retirada de maquinário, objetos de maior valor, mobiliário e, paralelo a isso, sendo deixados como restos de um tempo já no passado, os objetos de trabalho, objetos técnicos, embalagens, documentos etc. A urgência de resguardar alguns destes objetos-testemunhos aparece de forma contundente na fala do informante ao dizer que:

[...] Destruíram. Acabou... É que eu era segurança, então eu era responsável por muita coisa ali... então eu tinha que preservar, mas a vontade que eu... hoje, eu teria

pego metade daquelas coisas *pra* mim. Teria preservado. Porque muita coisa se perdeu, que a gente queria trabalhar certinho, fazer certinho, ser responsável.

Em meio ao irreversível curso do desaparecimento de seu lugar de trabalho, Sr. Taylor processava uma espécie de triagem que definia aqueles objetos que poderiam ter uma “segunda vida”, perspectiva adotada por Octave Debary e Philippe Gabel (2010) ao se referirem a objetos que resistem ao que a eles é prometido: a condenação ao desaparecimento, tal como ocorreu com as fichas ponto dos funcionários do frigorífico ao que o informante lamenta, dizendo “isso também não consegui salvar... até o meu próprio nome (a ficha) eu esqueci lá”. O uso do verbo “salvar” semantiza, aqui, o processo de converter, por meio do investimento memorial, os objetos recolhidos, apartados definitivamente de suas origens e funções e relevados ao status de matéria abandonada e sem valor, em objetos mediadores entre dois tempos: o da fábrica e o da memória.

Por meio de suas lembranças e narrativas, percebe-se o quanto nosso interlocutor atua como um guardião da memória (Caixeta, 2006), ao salvar esses objetos e contar suas histórias. Função que é atravessada, e fortemente influenciada, pelo cargo que ocupou ao longo dos anos e as responsabilidades oriundas dele. Ser guarda do Frigorífico durante seu funcionamento inspirou sua atuação como guardião dos objetos e das memórias.

No primeiro encontro de entrevista, nosso informante levou consigo um pacote no qual continha o que nos pareceu a primeira etapa de um processo narrativo. Do pacote eram retirados tíquetes, panfletos comerciais de diferentes épocas do frigorífico, etiquetas e embalagens de produtos fabricados pela empresa, fotografias de eventos e de locais no interior da fábrica. “Conseguir pegar isso aí do meio da fogueira, que estavam queimando... puxei de lá com uma vara e consegui salvar algumas coisas”.

Dentre os restos em papel, um em particular provocou lembranças relativas à organização do trabalho a partir da perspectiva de gênero, associando o

elemento da cultura material: a embalagem do bloco de banha de porco produzida como um dos produtos secundários do frigorífico. Diz Sr. Taylor que:

Esse era o pacote da banha. Eles contratavam aquelas gurias mais novas só *pra* arrumar isso aqui. É um pacote. [...] só que aqui ele descolou devido a muitos anos. [...] Mas se tu quiser colar é só tu botar aquela cola de papel que tu cola a beirinha e fica armado o pacote da banha e não passa ar. *Aí*, e era só mulher que trabalhava. Enchiam de banha aqui dentro e tinha mulher só *pra* dobrar.

As lembranças do Sr. Taylor envolvendo a produção da banha demonstram que essa era uma função executada pelas mulheres e a divisão sexual do trabalho (Souza-Lobo, 2021) fez parte do cenário fabril em diferentes setores. A predominante presença feminina já foi amplamente abordada por diferentes pesquisas, nomeadamente no setor têxtil (Matos; Borelli, 2013). Analisando os contextos sociais que criam as divisões de sexo masculino e feminino dentro do trabalho, a socióloga Danièle Kergoat (2001) salienta que essa distinção se dá a partir de dois princípios: o da separação e o da hierarquia. A separação envolve o fato que alguns trabalhos são socialmente vistos como próprios para os homens e para as mulheres e, assim, apenas estes devem desempenhar algumas funções.

No caso da produção da banha de porco e do fechamento das embalagens que deveriam contê-la para a comercialização, esta função está diretamente associada ao que se entende por capacidade feminina do trabalho manual no qual tarefas que exigem um maior cuidado com detalhes e mobilidade das mãos eram atribuídas às mulheres informando a ideia de “paciência, cuidado e docilidade como atributos femininos” (Matos; Borelli, 2013, p. 128).

Também foram retirados do pacote talões de vale alimentação que eram benefícios concedidos aos trabalhadores sob determinadas condições: “[...] isso aí os funcionários que passavam do horário trabalhando, então tinha direito

a [refeição] então apresentava esse tíquete para os que eram autorizados a ganhar a refeição”. Junto com os talões também estavam diversas etiquetas com carimbos da inspeção sanitária: “[...] isso aqui a inspeção de saúde que inspecionava. Aí ia junto com o produto”.

Objetos aparentemente desprovidos de um significado maior vão sendo imbuídos de um sentido de um caráter mediador entre o tempo do evento e o da evocação, apresentam-se como vetores entre a realidade na qual foram gerados e a narrativa que possibilita reconstruir, sempre de forma problemática, como afirma Maurice Halbwachs (1925), esta possível realidade. O cotidiano de um universo fabril no qual trabalhadores, cumprindo uma jornada extensa, recebiam um subsídio para alimentação que em muitos casos eram complementos às despesas domésticas familiares, assim como a inspeção sanitária que chancelava, pelo carimbo sobreposto ao produto, as condições de sua venda ao público, não levando em consideração as condições insalubres de tal produção para os próprios trabalhadores como a exposição à baixas temperaturas nas câmaras frigoríficas, a umidade excessiva em vários locais, os métodos de abate e o manejo dos dejetos. Tais informações vão surgindo por vezes de forma subliminar ou mesmo indiretas na narrativa do Sr. Taylor, indicadas, no entanto, por meio dos objetos.

Antes de encerrar a primeira entrevista, Sr. Taylor demonstrou interesse em um segundo encontro no qual mostraria outros objetos que tinha em seu poder. Assim como na primeira entrevista, cuja narrativa havia sido mediada pela presença de objetos, nessa segunda um outro objeto cumpriu o papel de agenciador da memória: um relógio de pulso que se diferencia daqueles apresentados no primeiro encontro pelo fato de não ter sido recuperado na condição de restos.

Figura 2 – Relógio de Taylor Garcia.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao apresentar o relógio (Figura 2), o descreveu como sendo uma grande preciosidade, tanto pelo seu valor monetário quanto pelo seu valor simbólico e afetivo. Enquanto manuseava o objeto, demonstrando os seus detalhes, começou a apresentar uma espécie de relato biográfico:

Esse relógio aí ele pertenceu ao chefe da manutenção do Anselmi. Aqui [apontando para a fotografia do Frigorífico] adiante um pouquinho tem aquele quintal com aquele gramado, *né?* No que termina aquele gramado, era a inspeção federal. Depois, em seguida, [...] É onde que entrava *pro* refeitório... Do lado do refeitório, que eu te falei, era a lavanderia. Quase como daqui à parede, mais ou menos, dava só *pra* um carro fazer a volta, ficava a oficina mecânica, *pra* manutenção. E o chefe da manutenção era o seu Edson Paiva. Era um senhor de idade já, magro, alto, de bigodinho. O seu Edson Paiva, eu *tava* de serviço aqui na portaria e eu escutava a fala dele lá na oficina, porque ele era gritão. Eu achava que ele tava gritando, mas não, ele tava falando. [...] Então, por esse relógio aí ele controlava tudo. Os funcionários dele pegavam às sete da manhã. E nós, a gente pegava às sete também, *né*. Claro, os *caras* da manutenção, no caso, batiam o cartão e ele controlava por esse relógio. “Já é sete *hora*, já é sete *hora*, ninguém ligou máquina nenhuma? sete *hora*”. E na hora do café, às nove da manhã, ele dizia: “Ó, quinze minutos *pra* tomar café e voltar, hein! Quinze minutos!”. E ele ficava controlando: “Já fechou os quinze minutos!”. Aí já chamava os *caras*... de volta. Às vezes ele ia lá na portaria *pra* conversar comigo, ele dizia: “*Pô*, aquele caminhão entrou *pra* descarregar carne já faz duas horas, aqui ó!”. Ele apontava *pro* relógio. Ele controlava tudo por ali.

O relógio, outrora utilizado no controle e disciplina do tempo no interior do espaço fabril, forma de contabilizar e evitar atrasos no processo de produção, aspecto profundamente analisado por Thompson (1998), passa a ser evocado pelo informante não pela sua função original, mas pela importância conce-

dida a quem o portava, um superior hierárquico a quem o informante busca reproduzir os gestos portando o relógio no pulso esquerdo e batendo com o dedo indicador da mão direita no visor, emitindo o som do chacoalhar da pulseira, gesto este que caracterizava a atitude controladora do chefe, demonstrando que muitos objetos tornam-se miméticos de quem os possui, como defende Meneses (1998). Assim, o relógio, a performance e o som constituem um único objeto mnemônico, envolvendo também os efeitos que ele produz.

No percurso do relógio, entre seu dono e função original, até sua apresentação como um elemento de distinção – pois Thompson (1998) identificou que nas relações capitalistas era comum o ato de presentear, repassar ou comprar relógios como forma de distinção social e de firmar certas relações – um segundo momento, ou “segunda vida” nos termos de Debary (2010), é apresentado como aquele no qual o relógio migrou do chefe do setor de manutenção para o próprio informante e que é recuperado pela memória como uma espécie de testamento ao dizer que:

[...] um dia ele chegou na portaria quando eu estava trabalhando e mostrou ‘olha aqui, comprei de um funcionário, baita relógio, automático, moderno’...e naquele dia especialmente eu controlava as horas pelo relógio de parede do Departamento Pessoal que era perto da portaria. Então Seu Edson disse: ‘tô, fica com esse relógio aí (o antigo) que eu já comprei esse aqui’. Então eu ganhei o relógio de presente.

O relógio passou a constituir um elemento de distinção e facilitador da execução de funções próprias de um vigilante, acompanhando-o em tarefas do cotidiano na fábrica, como em um episódio no qual o relógio desprende-se de seu pulso e desaparece no meio dos dejetos contidos num caminhão que descarregava ovelhas. Após ter recuperado o pequeno objeto, decidiu retirá-lo do uso e guardá-lo para preservá-lo de acidentes: “[...] aí cheguei em casa, tirei ele do pulso e pensei, vou guardar de lembrança do seu Edson”. Guardado por mais de trinta e cinco anos, assume a representação do antigo chefe, testemunho silencioso

de relações interpessoais de amizade e hierarquia que eram estabelecidas no interior da fábrica. “E ficou guardado até hoje”, sendo esse “até hoje” o presente da evocação no qual um objeto é dotado de uma imensa capacidade memorial, transcendendo assim sua materialidade e funcionalidade.

Além do relógio, neste encontro Sr. Taylor também levou consigo um prato. Tratava-se de um prato fundo retangular (de ágata esmaltado) utilizado pelos trabalhadores no refeitório da empresa. Em razão de seu uso frequente, do material de baixa qualidade e da ação do tempo, o objeto apresentava inúmeras marcas, desgastes que o informante aponta como as razões pelas quais tais objetos foram levados a descarte. “Esse aí se salvou porque *tava* dentro da gaveta do armário que fica na guarita”. Reproduzindo pela evocação o espaço do grande refeitório no qual estavam as mesas compridas em fórmica branca e bancos parafusados na própria mesa, espaço no qual eram realizadas refeições fornecidas pela empresa e pagas com o vale alimentação ou, tal como usavam fazer um grande número de trabalhadores, servirem-se de refeições preparadas em suas próprias casas e levadas em recipientes de plástico ou metálicos, prática que estava nos quadros de uma economia doméstica de famílias de baixa renda. As refeições que eram servidas aos trabalhadores eram preparadas na cozinha da fábrica e se diferenciavam do cardápio daquelas servidas ao pessoal de chefia.

Sr. Taylor narra que a última vez que o prato havia sido utilizado teria sido por ocasião de um ato de pequena contravenção cometido por ele, mas resignificado no presente como um ato de rebeldia uma vez que envolveu o preparo de camarões que seriam servidos à chefia no dia seguinte. Durante a noite na qual Sr. Taylor fazia a ronda de vigilância, encontrou na cozinha camarões que seriam preparados para o almoço dos diretores e outros cargos de chefia, frente aos quais pensou: “*Ah*, a chefia não vai comer tudo isso!”. Aí enchi ele (o prato) de camarão. [...] Tapei, botei plástico e botei dentro do *fusquinha* que eu tinha... e foi o melhor camarão da vida”.

O prato, objeto prosaico evocador de cenas que se repetem no cotidiano comum das pessoas, representou um ato de subversão à ordem hierárquica e

revelou nuances de conflitos, tensões e enfrentamentos que se colocam no cenário de locais de trabalho, em particular quando são acometidos por crises que geram graves problemas sociais em razão da perda dos postos de trabalho. Tal como destaca James Scott (2011), homens e mulheres encontram diferentes alternativas e caminhos de resistência no âmbito das relações de classe, e atitudes aparentemente pequenas podem estar relacionadas com o que o autor chama de “formas cotidianas de resistência” (Scott, 2011). O gesto de rebeldia – comer o camarão, iguaria vista como elemento de distinção social e a qual não teriam acesso os trabalhadores – conferiu relevância ao prato que, retirado do seu uso ordinário, passou a ser um objeto a ser preservado, guardado, investido de forte sentido memorial.

A terceira entrevista ocorreu no local onde no passado estava o complexo fabril do Frigorífico Anselmi. Após sua demolição o terreno passou a abrigar um grande edifício residencial que ocupa a mesma numeração do antigo prédio fabril, em localização com limite na Lagoa dos Patos que contorna parte da cidade e que no passado facilitava o acesso de embarcações portando pescado e outros insumos. Junto com Sr. Taylor, transitamos por espaços que iam sendo traduzidos por ele, como se redesenhados em uma cartografia da memória: “Ah não, eu aqui onde estou eu não enxergo esse prédio... eu enxergo é o Anselmi intacto [...] Ah, se eu pudesse fotografar o pensamento”. Circulando pelos espaços vazios identificava os setores, nomeava as pessoas que neles trabalhavam, avançava em direção ao ponto mais próximo da Lagoa dos Patos, local onde era escoada, em valetas abertas no terreno, grande quantidade de sangue derivada do abate e processamento das carnes. Durante este percurso, Sr. Taylor evocava as dificuldades que enfrentava em sua ronda noturna quando frio, chuva e iluminação escassa tornavam penosa a tarefa de vigilante.

Nessa deambulação no terreno que outrora era ocupado pelo frigorífico, Sr. Taylor reconstituía a planta do espaço fabril, inserindo nela sons, como do maquinário e da movimentação dos trabalhadores, odores como os dos setores de pescado e de produtos extraídos de vísceras dos animais, as sensa-

ções derivadas de condições extremas de trabalho como a umidade e baixas temperaturas, assim como o manuseio de objetos cortantes e equipamentos perigosos.

Essa última entrevista foi, portanto, mediada pelos restos arquitetônicos que sobreviveram aos novos usos e ao apagamento do que funcionava ali décadas antes. A materialidade estava presente em meio ao gramado, na urbanidade, na vizinhança, nos gestos e na sua presença.

Objetos da memória

As entrevistas realizadas com Sr. Taylor foram mediadas por objetos criteriosamente selecionados por ele como elementos de identidade, confirmando o que nos coloca Dassié (2010, p. 63) ao afirmar que “se a intimidade se declina através da história dos objetos de afecção, as condições de suas eleições ao status de lembrança permanecem invisíveis”. A narrativa da experiência de trabalho do informante foi ativada pelos elementos da materialidade pois, tal como afirma Hoskins (2006), na trama das narrativas biográficas e em determinadas condições, os objetos adquirem a capacidade de ser ou atuar como agenciadores de relações sociais, são entidades que participam da ação e agem em nós (Latour, 2012), confirmando assim que entre sujeitos e coisas há uma rede densa que se articula, influenciando-se entre eles (Bonnot, 2015).

Os objetos abandonados, convertidos em restos no caso de um espaço industrial, apresentam potencial carga de informações que ajudam a recuperar a história do trabalho e das técnicas. Essa dimensão estritamente associada às formas produtivas e ao campo de uma economia fabril, cruza-se, como demonstrado pelo informante, com a dimensão social, o mundo das coisas tangíveis que está em permanente conexão com o intangível, os saberes, as práticas sociais que fundamentam as práticas econômicas, técnicas e produtivas. A experiência, entendida aqui como a vivência profunda do tempo que

se projeta no presente por meio seja da percepção, no sentido abordado por Bergson, ou como das incorporações que vão sendo incorporadas ao ato da recordação, sempre produzida no presente como afirma Halbwachs (1950). Os objetos contribuem na gestão da memória remetendo a uma temporalidade das “coisas”, à anterioridade, às mudanças de contexto de vida que portam consigo e que se projetam e se atualizam no presente da evocação. Atuam como sociotransmissores, no sentido abordado por Joel Candau (2011), como sendo todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva, social ou cultural entre pelo menos dois cérebros, promovendo conexões entre sujeitos na construção da memória.

Duas grandes categorias formatam a narrativa de Sr. Taylor e de forma mais ampla, a narrativa memorial. A primeira delas trata-se do tempo, abordado por Halbwachs (1925) como um dos quadros sociais da memória, apresentando-se para o sociólogo da memória sob duas naturezas: o tempo coletivo de grupos e o tempo social, como o tempo histórico. O tempo coletivo, dos grupos, se aproxima da ideia de uma organização da memória coletiva sob a forma de duração, ou seja, não está demarcada por indicadores como décadas, anos, meses etc. É uma percepção do tempo como não linear, mas como um quadro dentro do qual os sujeitos organizam a lembrança. Entretanto o tempo social está como um unificador do tempo coletivo dos grupos uma vez que é baseado nele que se constrói a memória que busca ser unificadora tal como a memória histórica (Jaisson, 1999).

A segunda categoria é o espaço, percebido na entrevista como uma localização física e emocional, organizadora da lembrança. Sr. Taylor circula pelos lugares hoje ocupados por outras referências urbanas, mas, pela memória, reconstruídos no cruzamento de temporalidades que caracteriza o presente da evocação. O espaço, assim como o tempo, foi igualmente abordado por Maurice Halbwachs como um quadro social que emoldura e orienta a formação da memória individual e coletiva. As referências espaciais fornecem

regularidade, organização e estabilidade à memória, logo, como afirma o sociólogo, não há memória fora deste quadro pois, ao lembrar, localizamos nossas lembranças em um espaço que vem de nossa inserção no social. Uma vez modificado o espaço, altera-se igualmente a lembrança, discussão que pode ser observada na obra publicada, primeiramente em 1941, *La topographie légendaire des Évangiles em Terre sainte. Étude de mémoire collective* (Halbwachs, 1941; 2008), na qual a categoria *espaço* vincula-se à memória coletiva religiosa inscrita nos lugares santos como uma condição da lembrança dos grupos, permitindo a estabilização e permanência dessa memória e sua transmissão e continuidade.

Sr. Taylor identifica lugares antes ocupados por oficinas, escritórios, grandes pavilhões, matadouros, câmaras frigoríficas. A cada espaço traçado pela memória, evoca situações, descrições, nomes de colegas, tempos do trabalho e da vida, entretanto, tal esforço de reconstrução dá-se pelo vazio dos lugares do passado. Podemos, então, trazer a distinção estabelecida por Gêrôme Truc (2012) entre “lugares de memória” no sentido primeiramente abordado por Pierre Nora remetendo ao investimento memorial de grupos em lugares no sentido material e imaterial e “memória dos lugares” quando de forma menos institucionalizada as lembranças, encarnadas ou não na materialidade, emergem por meio da narrativa que ordena e possibilita tal ressurgência.

A memória, matriz das entrevistas de História Oral, apresenta assim uma relação intrínseca com o tempo e espaço. A relação com o tempo está na base do que é a memória como a presença da ausência (Ricoeur, 2000), a constatação da não existência daquilo que atualizamos pela evocação, articulando-se na forma de narrativa, o quadro social da linguagem abordado por Maurice Halbwachs (1925) como uma das molduras da memória, uma vez que é compreendida e dá-se a compreender na tessitura das relações com a memória dos outros. Nesse sentido, as entrevistas que embasam nossa reflexão podem ser compreendidas como reveladoras de trajetória de vida definida por

Hélaridot (2006, p. 3) como um entrecruzamento de linhas biográficas diversas como as relações de trabalho, vida familiar, vida social e outras instâncias. A trajetória de vida, nesse sentido, é constituída por uma sucessão de situações vividas pelos indivíduos em diferentes esferas e formas identitárias (Gensel *et al.*, 2020), permitindo retrazar um percurso singular que, ao mesmo tempo, se insere num universo social. A narrativa, quando motivada pela situação de uma entrevista, coloca-se no interior de um trabalho coletivo do narrador e um intérprete, como o pesquisador (Alberti, 2005) numa relação de encontro de subjetividades e representações memoriais de cada um dos atores, o que resulta em uma síntese mais ou menos direcionada, mas sempre interativa.

Considerações Finais

As entrevistas realizadas com um único informante, Sr. Taylor, possibilitaram-nos recuperar zonas da história urbana do trabalho que se tornam perceptíveis por meio da narrativa memorial, tendo sido esta potencializada pela presença de objetos, elementos de uma economia simbólica com imensa capacidade semântica uma vez que ativam a memória, “se prestam a contar”.

O cenário de fundo da história de vida do Sr. Taylor é o seu lugar de trabalho do passado, o Frigorífico Anselmi, no qual estabeleceu as referências que norteiam suas lembranças e identidade social. A relação entre trabalho e memória remete ao mundo das relações sociais e econômicas, mas também se inscreve nos sujeitos como uma memória corporal – a protomemória que se repete em gestos e disposições corporais, e uma memória sensorial, considerando todos os sons, odores, estímulos táteis e mesmo gustativos que se associam ao trabalho. Também importante inserir na relação trabalho-memória o processo de transmissão de experiências, conhecimentos técnicos, saberes, dados da imaterialidade que potencialmente podem atravessar gerações por meio de elementos que atuam como mediadores entre o sujeito que narra e a experiência transmitida (Ferreira, 2013). Os objetos, nesse

sentido, ocupam um papel fundamental, pois transcendem seus lugares originais e transformam-se, tal como pode ser observado nas entrevistas que fundamentam este estudo, em fatos sociais complexos, reveladores de dinâmicas e representações, indo além de suas materialidades e configurando-se em enunciadores do passado quando ativados pela narrativa.

À título de fechamento voltamos ao poema de Antônio Cícero ao dizer que guardar não é esconder ou trancar, inferindo assim o quanto essa materialidade das coisas necessita extravasar seu próprio lugar de “guarda” afim de suscitar outras memórias e, pela transmissão, ser de fato guardada. Destacamos que a iniciativa de compartilhar essas memórias partiu do guardião, Sr. Taylor, para apresentar os objetos e, mais do que isso, firmar um contrato de dom e contra dom por meio deles (Mauss, 2003). Os três encontros foram finalizados com a transferência e repasse desses objetos para uma nova guarda, um novo destino que constitui o acervo do Projeto Caminho Fabril. Ao repassar a guarda das “coisas do passado”, Sr. Taylor, de certa forma, anseia para que essa guarda também seja tutelada pela responsabilidade de transmissão de suas memórias. Assim, ao legar estes presentes, enquanto dádivas, nosso interlocutor (re)constrói e reforça sua posição no mundo como um guardião e, como tal, seleciona aquelas entidades identificadas como capazes de assumir tal responsabilidade. Na transmissão, encontra-se um caminho de lembrar e ser lembrado, de existir e de lutar contra o esquecimento (Candau, 2012).

A história de vida do Sr. Taylor centrada no trabalho realizado no antigo Frigorífico Anselmi é denotada como uma espécie de ato de resistência ao esquecimento e apagamento aos quais tais histórias e memórias foram relegadas. Na cidade que um dia foi a “cidade das chaminés”, o acolhimento e a escuta dessas memórias ainda se dá de forma muito pontual e residual. Numa complexa relação mnemônica e patrimonial, o discurso oficial da cidade parece esforçar-se para esquecer e apagar sua característica de cidade industrial e operária. Na inevitável escolha política e conflituosa do patrimônio, os bens materiais e

imateriais desse passado foram colocados à margem daqueles que representam uma cidade portuguesa (Thiesen, 2009), o que explica a incredulidade de nosso informante em destinar seus objetos, detentores de forte carga memorial, às instituições formais de guarda. Preside a isso um desejo de memória ou, como aborda Candau (2012, p. 18) “transmitir uma memória [...] não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo”.

Por fim, retomando os questionamentos e objetivos que nortearam o desenvolvimento deste artigo, concluímos que as memórias do trabalho, evocadas pelo Sr. Taylor, remontam ao cotidiano, aos conflitos, aos sons, aos odores, às pessoas e aos conhecimentos técnicos de seu cargo e de outros fazeres fabris.

A narrativa de Taylor demonstra, em diversos momentos, o quanto a valorização dos objetos foi influenciada pela relação que ele possuía com o trabalho, transcendendo as responsabilidades e funções originais de guarda para outros bens. Ao resgatar diferentes objetos do descarte, do lixo e do fogo, concedeu uma nova vida a eles, transmitiu memórias, histórias, mas também esquecimentos. Os objetos são influenciados por nós e nos influenciam, potentes mediadores entre tempos e espaços só reproduzidos pelo gesto memorial.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-203.

AMARAL, Thiago Farias. *Origem e evolução da atividade industrial no município do Rio Grande no contexto econômico do Rio Grande do Sul: do final do século XIX aos meados da década de 1960*. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ARAÚJO, Nilton Clóvis Machado de. Origens e evolução espacial da indústria de alimentos do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 1., 2002, Porto Alegre. *Anais [...]*, Porto Alegre: PUC/FACE, 2002.

BONNOT, Thierry. La biographie d'objets: une proposition de synthèse. *Culture & Musées* [on-line], 25, p. 165-183, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/culturemusees.543>.

CAIXETA, Juliana Eugênia. *Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CANAU, Joël. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

CANAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CANAU, Joël. Memória ou metamemória das origens? *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 37, p. 11-30, maio/ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i37.19531>.

CICERO, Antonio. Guardar. In: CICERO, Antonio. *Guardar: poemas escolhidos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 11.

DASSIÉ, Véronique. *Objects d'affection: une ethnologie de l'intime*. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2010.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias. *Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27-45, ago./nov. 2010. DOI: <https://doi.org/10.15210/rmr.v2i3.9547>.

DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier. *Objets e mémoires*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2007.

DEBARY, Octave; GABEL, Philippe. Seconde main et deuxième vie. *Mélanges de la Casa de Velázquez* [on-line], v. 40, n. 1, p. 123-142, 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/mcv/3343>. Acesso em: 20 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/mcv.3343>.

FERREIRA, Maria Leticia Maria. Objetos, lugares de memória. In: MICHELON, Francisca. Ferreira et al. *Fotografia e memória: ensaios*. Pelotas: Ed. UFPel, 2008. p. 17-41.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Os fios da memória: fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. *Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, v. 19, n. 39, p. 69-98, jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100004>.

FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. *Revista Museologia & Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 22-35, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/43>. Acesso em: 20 nov. 2024.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des Évangiles en Terre sainte. Étude de mémoire collective*. Paris: PUF, 2008.

HÉLARDOT, Valentine. Parcours professionnels et histoires de santé: une analyse sous l'angle des bifurcations. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, [S.l.], v. 1, n. 120, p. 59-83, 2006. DOI: <https://doi.org/10.3917/cis.120.0059>.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a História Operária*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

HOSKINS, Janet. *Biographical objects: how things tell stories of peoples' lives*. London: Routledge, 1998.

JAISSON, Marie. Temps et espace chez Maurice Halbwachs (1925-1945), *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, Paris, n. 1, p. 163-178, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/rhsh.001.0163>. Acesso em: 20 nov. 2024.

KERGOAT, Danièle. Division sexuelle du travail et rapports sociaux de sexe. In: BISILLIAT, Jeanne; VERSCHUUR, Christine (Dir.). *Genre et économie: un premier éclairage* [en ligne]. Genève: Graduate Institute Publications, 2001. p. 78-88. (Series Cahiers genre et développement, v. 2). DOI: <https://doi.org/10.4000/books.iheid.5389>.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador; Bauru: Edufba; Edusc, 2012.

MACIEL, Alexandre Pereira. *Antigos prédios e novos municípios: patrimônio arquitetônico urbano. Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu e Arroio do Padre-RS*. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanização (1873-1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (Orgs). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p.126-147.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-315.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2067>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PEDROSO, Ticiano Duarte. *CIDADE NOVA: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande - 1950*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PEDROSO, Ticiano Duarte. Entre o apito e o cheiro de peixe: história, cotidiano e sociabilidades no bairro Cidade Nova. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. *Anais [...]*, São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-12.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil, 2000.

SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 5, p. 217-243, jan./jul. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522011000100009>.

SILVEIRA, Ana Cristina dos Santos Amaro. *Uma face da industrialização pelotense na década de 1970: a gênese da Agência de Treinamento Eraldo Giacobbe, SENAI/Pelotas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho dominação e resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Editora Expressão Popular, 2021.

SPERANZA, Clarice. Memórias em disputa: uma reflexão acerca da construção das lembranças operárias. *Revista Historiar*, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 7-23, 2023. Disponível em: [//historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459](http://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459). Acesso em: 20 nov. 2024.

THIESEN, Beatriz Valladão. Invisibilidade, memória e poder: a identidade imigrante e a construção da paisagem da cidade – Rio Grande (RS). *Revista Métis: História & Cultura*, [S.l.], v. 8, n. 16, p. 143-155, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/955>. Acesso em: 20 nov. 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia Básica da História da Cidade do Rio Grande (1737-1947). *BIBLOS*, Rio Grande, v. 22, n. 2, p. 9-18, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/957>. Acesso em: 20 nov. 2024.

TRUC, Gêrôme. Aux victimes du terrorisme, l'Europe reconnaissante? Portée et limites de la Journée européenne en mémoire des victimes du terrorisme. *Politique européenne*, v. 2, n. 37, p. 132-154, 2012.

Recebido em: 15 de maio de 2024
Aprovado em: 23 de setembro de 2024